



Advaita e Trindade. Um diálogo inter-religioso no pensamento de Raimon Panikkar¹

Suresh Periyasamy

Introdução

Raimon Panikkar (1918-2010) é filósofo, cientista, teólogo, cristão e padre católico. Como um pensador pioneiro, o trabalho dele é mundialmente conhecido no âmbito de diálogo inter-religioso, intercultural e interdisciplinar. Sua vida de fé foi influenciada pelo seu pai *Ramun Panikkar*, um hinduísta ortodoxo do sul da Índia e pela sua mãe *Carmen Alemany*, uma catalã e profundamente cristã católica. O pensamento plural do Panikkar é marcado pela diversidade de religiões, culturas e ciências modernas. Seu modo de compreender a santíssima Trindade através da filosofia de *Advaita* tem precedência no pensamento de dois teólogos católicos contemporâneos na Ásia: um monge Beneditino, Henri Le Saux (1910-1973) cujo apelido é *Abhishiktananda* e um religioso jesuíta, Richard De Smet (1916-1997). Para Panikkar, o diálogo não é dialético baseado na lógica ou no método de divisão, mas dialógico, ou melhor, dia-logical, que penetra nos logos sem negá-los.²

***Advaita* não como conceito, mas como relação**

O termo *Advaita* vem do sânscrito que significa a-dualidade (*a-dvaita*) ou não dualidade. É uma expressão metafísica da impossibilidade de reduzir a realidade a uma pura unidade ou a uma mera dualidade (mais que uma, por isso, pluralidade). É elaborada filosoficamente por muitas religiões do oriente, por exemplo, o hinduísmo, o budismo, o jainismo, o sikhismo, o taoísmo, etc. É uma intuição espiritual acerca da realidade última. Ela reconhece o problema meramente quantitativo de “o uno” e “o múltiplo” da razão dialética que não se aplica à compreensão da realidade última. Isto não deve ser confundido com o monismo (cf. PANIKKAR, *Obras Completas*, 2016. p.437).

¹ É um estudo feito a partir de *Obras Completas* de RAIMON PANIKKAR (vol. II.)- *Religião y religiones*, PAVAN, M. Carrara (ed.), Milán: Jaca Book SpA, 2011. (1ª edição digital, 2016).

² Cf. PANIKKAR, *Obras Completas*, 2016. p.305.



Advaita é o aspecto relacional que tem uma relação intrínseca e constitutiva da realidade, apesar de todas as distinções necessárias. O ser humano é uma unidade, é impossível salvá-lo na divisão de muitas partes. É impossível realizar uma autópsia em um ser vivo. Porque, não somente o ser morreria, mas também, perderia sua razão de ser vivo. Não há saúde sem salvação, nem salvação sem confiança ou fé. Por isso, devemos refutar o dualismo radical, por exemplo, corpo e alma, sem cair no monismo. Este é o que chamamos “*ontonomia de advaita*” (cf. PANIKKAR, *Obras Completas*, 2016. p.355).

Os seres vivos da criação representam uma pluralidade quantitativa, enquanto o Ser Absoluto representa uma singularidade qualitativa. Existe então uma conexão intrínseca e vital de relação e criação.³ A criatura é algo de Deus, por Deus, para Deus, em Deus, mas não se identifica com “Deus”, tampouco contém uma separação, distância, independência a respeito de “Deus”. Deve-se descartar a possibilidade de ser monista, porque a criatura não é uma coisa idêntica com Deus. Deve-se evitar também o dualismo que se insiste muito na alteridade, pondo o ser humano fora de toda relação com Deus. Assim “*a solução advaita*” pode desempenhar sua função dialogicamente (cf. PANIKKAR, *Obras Completas*, 2016. p.66).

A perspectiva de *advaita* afirma que o Divino não está individualmente separado do resto da realidade, nem é totalmente idêntico a ela. A intuição *advaita* traduz o Mistério Divino que preside a relação *cosmoteândrica*.⁴ Ele não pode ser reduzido ao “um” nem aos “dois, mais que um”. Antes de tudo, ele é “a-dual”, possibilitando a dinâmica viva do pluralismo. Os cristãos têm acesso a este mistério através de Jesus Cristo, mas outras vias também possibilitam igualmente sua acolhida.⁵ No olhar de *advaita*, a divindade não é “algo” que se percebe em si ou fora de si, mas “uma luz na qual o Real é iluminado e descoberto”. A contemplação emerge como “a visão da Realidade total na qual o ego (eu psicológico) enquanto tal, não tem mais nenhum lugar; é a experiência do Absoluto na sua simplicidade e na sua complexidade, alegria perfeita alcançada na *ex-tasis* da união.”⁶

³ O termo polivalente do sânscrito “*māyā*” significa o poder misterioso de sabedoria que é causa de ilusão e engano. É uma aparência da multiplicidade que não é real nem irreal. É o véu do Absoluto. No Ocidente, Schopenhauer o refere em sua obra sobre sua particular concepção pessimista.

⁴ Panikkar é protagonista dessa espiritualidade *cosmoteândrica* que quer refutar uma visão religiosa puramente teocêntrica ou antropocêntrica e propor uma harmonia entre três realidades constitutivas: Deus, homens, e universo cósmico (cf. PANIKKAR, *Obras Completas*, 2016. p.243).

⁵ Fonte: a tese de doutorado do PANIKKAR com título: *The Unknown Christ of Hinduism*, 1961.

⁶ Fonte: R. PANIKKAR, *Trinità ed esperienza religiosa dell'uomo*, Assisi: Cittadella, 1989, p.70.



O caminho do *diálogo dialogal* é uma interpenetração recíproca. Este caminho revela-se na abertura para uma nova dinâmica relacional que vai além do exclusivismo, inclusivíssimo e paralelismo. Não é um trajeto simples, mas importante e inevitável, doloroso, mas purificador. É processo contínuo e progressivo, e envolve abertura e paciência. É um caminho que está sempre se fazendo. Não é chegar à completa unanimidade, ou de misturar todas as religiões, mas, sobretudo comunicação, simpatia, amor e complementaridade polar. O *ecumenismo ecumênico* é uma tentativa de chegar ao fecundo enriquecimento recíproco que aceita a crítica das tradições religiosas do mundo, sem deixar de reconhecer o papel único que encarrega em cada uma das religiões. A realidade plural está sempre aí a desafiar a compreensão humana. Há que combater incessantemente a sedução da autossuficiência e *híbrida totalitária*, que constituem impedimentos precisos para a abertura ao pluralismo de princípio (cf. PANIKKAR, *Obras Completas*, 2016.p.20).

Trindade não como conceito, mas como relação

Abhishiktananda, um amigo do Pannikar, escreveu, “qualquer investigação teológica sobre a Trindade deve começar não com definições, credos, citações do Novo Testamento, mas sim, com a experiência (*abba*) que Jesus, como um ser humano, teve de Deus. Pois, a experiência de *advaita* pode purificar as ideias cristãs.”⁷ Compreendendo bem a dinâmica atributiva de *Advaita*, Panikkar elabora sua noção dialógica a respeito da Trindade Cristã. Para ele, a Trindade não é tanto a substância, mas a relação pura. Isto não contradiz a unicidade muçulmana de Alha ou o absoluto judaico de YHWH. Pois, o dogma da Trindade se refere a uma vida íntima de Deus, uno e único, que não se afirma um triteísmo nem se introduz nenhuma pluralidade na Unicidade de Deus, mas revela uma divina simplicidade.⁸ No nível de relação, as distancias não são tão grandes, como podemos observar, por exemplo, examinando a fratura entre o Absoluto impessoal do Hinduísmo e o Deus pessoal do Islã. As diferenças doutrinárias são somente níveis distintos de aprofundamento.⁹

Na Trindade, o conhecimento do Pai é O Filho. Ele é o Logos que diz a trindade cristã. Não é irracionalismo aqui. Ser consciente dos próprios limites é a missão mais

⁷ Henri Le Saux, (Abhishiktananda), *Hindu-Christian Meeting Point*, Delhi: ISPCK, 1976, p. 115.

⁸ Cf. PANIKKAR, *Obras Completas*, 2016. p.72.

⁹ *Ibid.*, p.123.



elevada e intransferível do intelecto. Fazendo-se consciente de si mesma, a consciência se faz consciente de seus próprios limites, e por isso são transientes. Se a Consciência pura é consciente de seus limites, isto equivale a admitir que não Tudo possa ser reduzido à Consciência.¹⁰

O Cristianismo não é *sectarianismo*. Nem Cristo é monopólio exclusivamente do cristianismo. Ele existia antes de Abraão, como *unigênito, primogênito, Pantokratōr (Παντοκράτωρ), Senhor, Alpha e Ômega*. Ele é um judeu pelo nascimento, tornou-se Ungido pela vocação, o Filho do Homem, a cabeça de toda humanidade, Senhor dos anjos e Príncipe do universo. A fé cristã consiste em reconhecer que ele é o Cristo ou o Messias (*crisificação*) do judaísmo, o *Ishwara* (divinização) do hinduísmo, o *thathâgata* (auto-iluminação) do budismo, o Mistério divino, a Luz invisível, o Mediador, o Princípio, o Redentor, a Face visível do Altíssimo, Jesus de Nazaré, filho de Maria e Esposo da Igreja. Isto significa que há uma identidade característica da Imagem essencial que está no seio paternal do Pai, no seio de Maria, no seio da Igreja: há uma sucessão ininterrompida entre os mistérios da Trindade, da Encarnação e da Eucaristia. O anúncio cristão só tem sentido se proclama “isto que espera, nisto que creia, isto que ama, isto é Jesus Cristo” (cf. PANIKKAR, *Obras Completas*, 2016. p.250).

A visão trinitária da realidade é pouco menos que um constante cultural. Encontramos tal visão praticamente em todas as tradições da humanidade. Há sido propagada certa concepção elitista e autossuficiente da trindade cristã no modo monopólio cristão sobre a Trindade.¹¹ Sua fé não é algo que divide e separe os homens dos demais, mas sim, algo que unifica e salva todo mundo. O Cristo é presente e operador em todas as religiões. Ele é quem inspira, quem salva em cada uma das religiões. Pois, ele não fundou nenhuma religião. Ele apenas fundou sua Igreja que tem sua missão profética e redentora de todos. Ele não veio para destruir, julgar e condenar, mas veio para construir, salvar e planificar. Ele não veio para abolir, mas para cumprir as leis dos profetas. Ele como Bom Pastor, não veio para dispersar, mas para reunir em si e unificar todos nas alianças de Deus. Assim, ele é a plenitude, o cumprimento, o vínculo com Deus. Nenhuma religião poderá nos salvar. Ela é apenas um caminho espiritual. A salvação é obra de Deus que opera no tempo em ordem histórica, por meio de Espírito Divino.

¹⁰ Ibid., p.217.

¹¹ Ibid., p.268.



A cultura da Índia fala de Deus da *jñāna* (conhecimento), da *bhakti* (amor) e da *karma* (ação). No mundo atual estas três imagens são problemáticas. Esta é a crise de Deus. O que a grande parte da sabedoria da Ásia oferece ao Ocidente, simplificando, é visão não dualista (*advaita*) da realidade. E esta visão desperta uma imagem mais plena da Trindade. O Deus não é o monismo nem o dualismo. Deus é uns dos polos da realidade, um polo constitutivo, inefável em si, mas fala conosco, transcendente, mas imanente ao mundo, infinito, mas limitado nas coisas. Este polo não é nada em si. Não existe mais que na polaridade, na sua relação. No Ocidente, Deus há sido o paradigma supremo da realidade. A imagem dominante há sido a do monoteísmo: existe um ser Absoluto, ou existe um Ser supremo, ou bem, existe o Princípio supremo, chama-se Verdade, Bem ou Justiça.¹² A verdade vos libertará (Jo 8, 32) e esta liberdade não está obrigada por normas externas. Dentro da Trindade, por exemplo, ninguém manda nada; a igualdade é tão completa que a harmonia não está imposta nela.¹³

Panikkar disse: “se eu tivesse que resumir meu pensamento, eu diria que a crise da religião na Europa consiste em sua incapacidade de superar o monismo e o monoteísmo. Ela queria superá-lo através do dualismo: criador- criatura, homem-mulher, sagrado-profano, Igreja- Estado, indivíduo - sociedade, religião-política, etc. e quando isso não produziu resultados muito positivos, ela teve a tentação de anarquia, que tem sido "dominada" pela democracia quantitativa. O caminho do meio termo de adualismo (*advaita*), embora constitua o centro do cristianismo - Trindade, encarnação, redenção etc. - parece ainda não ter sido provado. Nem Deus nem a criatura nem o homem nem a mulher nem o indivíduo nem a sociedade, etc., são dois e nem são um. A igualdade torna-os dois e a diferença subordina o homem a Deus, mulher a homem, indivíduo à sociedade, etc. A realidade não é nem um nem dois; é *advaita*. Mas, vou me limitar aos parâmetros mais concretos do problema.” (Panikkar, Obras Completas, 2016.p.355)

Existe uma Vida suprema, uma divindade imanente em cada ser, cujas modalidades ou modos de manifestação se expressam em todos os seres (corpos), cujos suportes ontológicos são as almas de todas as coisas, pois o meramente corpóreo material é incapaz de existir sem o seu suporte psíquico. A Vida suprema, o Corpo material e Alma espiritual, a relação entre essa trindade não é "democrática". A tradição indiana reconhece com a *Gītā* (um livro sagrado do Hinduísmo), que "eu (Deus) resido em todos os seres, mas sou independente de todos esses seres". Em suma, a experiência religiosa é a experiência da realidade, mas essa realidade é ao mesmo tempo corporal, psíquica e divina. Não devemos

¹² Ibid., p. 273.

¹³ Ibid., p. 305.



confundir as três dimensões, mas também não podemos separá-las. A religião e o corpo se pertencem essencialmente.¹⁴

Conclusão

Resumindo a visão dialógica de Panikkar sobre a Trindade pelo olhar de *Advaita*, podemos dizer que *Advaita* é a unidade fundamental da realidade e a Trindade não é *monoteísmo* nem é o *triteísmo*. Se fosse monoteísmo, a única interpretação congruente teria sido o *modalismo*, que afirma que as três pessoas divinas são simplesmente três modos da essência divina, heresia que foi explicitamente refutada pela tradição. O *triteísmo* que não tem sentido ou função na concepção teísta da realidade em que a tradição cristã foi colocada até hoje, também foi tematicamente condenado, pois, supõe politeísmo.

Deus nunca pode ser contido em conceitos, mas sim na relação, na comunhão e no amor. Tal experiência de comunhão que está na Trindade é bíblicamente articulada não como substância grega, mas como *koinonía* (κοινωνία). Deus é relacionalidade pura de toda visão *cosmoteândrica*. É *pericoresis teológica*. A experiência do Pai (*abba*) por parte de Jesus revela-a e vivifica-a de modo que Jesus e Pai são um (cf. João 10,30). Isto é uma equivalência semítica da *advaita*. No princípio, a Palavra não é Deus, mas de Deus, estava junto com Deus, era Deus; e a Palavra se fez corpo humano (cf. João 1,1.14). Nisso existe a não-dualidade que é *Advaita* cuja teologia é essencialmente exegética. Segundo Panikkar, toda autêntica religião é caminho de salvação e dificilmente alguém poderá entender o fundo da sua religião sem ter uma ideia da existência e legitimidade de outros universos religiosos. Neste sentido absoluto, ele partiu cristão, se descobriu hindu e retornou budista sem deixar de ser cristão.¹⁵

¹⁴ Ibid., p.394.

¹⁵ Cf. website, <http://www.raimon-panikkar.org>.